

# PETISCOS

Foi o Canário quem me convidou. É inspetor da Judiciária e deve pensar que me deve algum favor. Ora um favor feito com gosto, já não é favor, pois não? Mas não deixo de ficar sensibilizado por ele pensar assim e fico-lhe muito reconhecido por se sentir obrigado a oferecer-me qualquer coisa em paga. Acontece que o Canário gosta de festas e procura que sejam equilibradas quanto à polaridade: masculino-feminino. Por isso voltou a convidar-me.

Eram os anos dele. Estávamos sentados em sofás e cadeiras desirmanadas, num apartamento de cuja desarrumação não parecia envergonhar-se, e eu era certamente o mais pequeno, mais enfezado, mais encolhido dos machos presentes. Já se tinha comido e, sobretudo, já se tinha bebido bem, de uma variada coleção de bebidas e não sei se alguém estava completamente sóbrio, embora também não creio que houvesse ninguém embaraçosamente bêbedo. A conversa girava à volta de comidas exóticas.

Dizia uma das mulheres, com ar um pouco enojado:

— Eu cá, só de pensar em insetos... mas aqui o Carlos gosta de experimentar.

— O que é preciso — disse o Carlos — é uma pessoa abstrair-se do que está a comer. Se não, nem se come o borreguinho coitadinho, nem peixinho que sufocou ao ser pescado, nem porquinho que guinchou pressentindo a matança, nem franguinho criado em condições nojentas, muito menos o coelhinho, fofinho, a engelhar o narizinho, um amor...

Gozava, mas tinha razão. Outro veio ufanar-se:

— Uma vez na China comi escorpião frito. Havia uns que eram grandes, pretos, e a esses não me atrevi. Mas experimentei os pequeninos e não tinham nenhum sabor especial. Sabiam a frito.

— Pois — disse uma das beldades que traziam colorido à conversa — a fritura nivela muito o sabor das coisas.

Ouvi um gabar-se, ouvi outro, até que finalmente não resisti. Era a minha oportunidade de dizer qualquer coisa significativa, de não ficar como sempre caladinho no meu canto, a rir-me das piadas dos outros:

— Eu...

Ninguém me ouviu. Já outro falava de carne de cobra, e de como era boa, embora não boa como a de jacaré, essa sim, macia, essa sim, uma especialidade... Falou e falou e eu esperei e esperei, e no fim voltei a tentar, um pouco mais alto:

— Eu...

A minha voz estava de novo a ser atropelada por diálogos cruzados, ouve-se o Canário:

— Ei, parem um bocado, o Brito quer falar! Deixem o Brito falar, coitado! Calaram-se e era a minha oportunidade, coitado de mim. Falei:

— Depois de tantos petiscos irresistíveis, não sei se o meu vos interessa... Não pareceram particularmente curiosos, mas o Canário intimou:

— Claro que interessa, Brito, força!

— Já algum de vocês provou carne humana?

Pumba! Daquela é que eles não estavam à espera. Entreolharam-se.

— Naa...ão... — cantarolou uma das moças, em tom de quem subentende: e daí...?

E daí? — ecoei para dentro — eu sabia que tinha criado forte impressão, mas estava apenas a começar:

— Pois eu já provei muitas vezes e não desgosto. O fígado e o rim são muito parecidos com o rim e o fígado de porco — eh eh, a cara deles... — Já a carne do lombo, por exemplo, de aspeto, até parece carne de vaca. É vermelha, mas quanto a mim também sabe mais a porco do que a vaca. Só que é fevra rija, estão a ver?

— Iarr... — disse uma das mulheres, mas não me desencorajou.

— Sim é rija. É um pouco dura, pelo menos a que comi — prossegui — a verdade é que nunca tive coragem para experimentar criança...

— *Disgusting* — disse outro que estava sempre a arrotar postas de inglês.

— Disparate — disse outro.

Estavam dezoito olhos meio incrédulos cravados em mim. Estavam todos a processar a informação e a ligá-la com aquilo que sabiam a meu respeito, e não deixava se ser relevante. O Canário tinha-me apresentado à entrada:

— Este é o meu bom amigo Brito. É médico-legista e tem-me sido muito útil. Fala pouco, mas pensa muito e, quando fala, vale a pena ouvir.

Instalara-se silêncio e tinha que ser quebrado. E não ia ser eu, pois não?

— Ah, amigo Brito... — disse finalmente um colega do Canário, inspetor como ele.

— Francisco, por favor...

— OK, Francisco, foi uma boa, mas não é original. Eu também vi o *Segredo dos Inocentes*... — sorria.

Toda a gente sorria, queria rir, exceto o Canário, que olhava para mim com ar inquieto, interrogativo, como quem diz: eu pensava que te conhecia...

Eu gozava o momento de glória. E não ia agora largar o filão, ou ia? Porque é que nunca me tinha lembrado daquilo?

— Mas... qual é o problema? — perguntei. — Reparem: não matei ninguém. Não fiz mal a ninguém, longe de mim, que nunca fiz mal a uma mosca, palavra de escuteiro! Concedo uma coisa: o nosso código penal, artigo 254º, entende como crime a profanação de cadáver, mas, se pensarmos bem, é algo que, em rigor, e por motivos profissionais, eu faço todos os dias... É ou não é, Canário? É ou não é?

Mantinha-me sisudo.

— Está a brincar, só pode... — disse uma moça, e era precisamente a que me tinha sido apresentada com muita ênfase. Chamava-se Sílvia e era o meu par, ou vice-versa. Era pequenina, redondinha, convexidades e concavidades nos sítios certos, e de repente imaginei-a temperada com vinha-de-alhos.

— Não, não estou a brincar — repliquei e naqueles olhos achei um brilho especial, como quem considera besuntar-se com vinha-de-alhos.

Nalguns dos outros convivas, porém, pareceu-me encontrar desaprovação. Seria a dúvida a entranhar-se? Outra pessoa que não eu, não teria sido levada a sério, mas um médico legista que fala pouco, pensa muito e vale a pena ouvir, traz outra espécie de credibilidade, não é? Achei por bem amenizar um pouco as coisas, pô-las um pouco mais em perspectiva. Concedi:

— Mas não faço disso um hábito, nem pensar! A morgue não substitui o supermercado.

Pior a emenda que o soneto! Agora o embaraço era geral. Era preciso desviar a conversa! Se alguém tivesse começado a rir às gargalhadas, teria contagiado o grupo, mas não aconteceu. Na qualidade de anfitrião, o Canário achou que devia intervir. Piscou-me o olho e disse:

— Aqui o Brito, com este ar de sonso, é um grande pantomineiro — disse, e desviou o assunto com uma anedota picante. Tinha noção de que era preciso um assunto forte e o único assunto suficientemente forte que lhe ocorreu foi sexo.

Houve mais piadas picantes e mais bebida, mas eu já não bebia. Voltava ao meu ser normal, entre embaraçado e envergonhado. De vez em quando, sentia os olhos de Sílvia, que me procuravam, e é muito provável que tivesse corado.

Entretanto a noite escorregava. Já havia quem se beijasse. Por fim, o primeiro casal levantou-se para se despedir. Eu também estava desejoso de sair e aproveitei a deixa. Olhei interrogativamente para o meu par e foi ela quem se levantou.

Eu tinha ficado de levá-la a casa. Saímos e fomos procurar o carro que eu deixara a dois quarteirões de distância, já não sabia bem onde.

— Como é o seu carro?

— Peugeot 306, azul escuro, tão escuro que parece preto.

Teria preferido que fosse um carro melhor, mais novo, mais potente, desportivo, descapotável, mas nunca liguei a carros. Foi a Sílvia quem deu com ele.

— Quer que eu guie? — sugeri.

— Não. Estou bem.

Não creio que estivesse pior do que ela. Seguíamos em silêncio. Então ela perguntou:

— Há alguma ponta de verdade naquilo que nos contou?

— E porque havia eu de mentir?

— Não digo mentir, mas exagerar, exagerar um bocadinho...

Fiz-me bronco:

— E para que havia eu de exagerar um bocadinho?

— Ora, para chamar a atenção — disse ela, mas emendou logo — mas não se preocupe. Se era essa a intenção, pode dizer-se que foi um tremendo sucesso — e havia nos seus olhos aquele um brilhozinho especial. — Mas cuidado! Olhe para a estrada!!

Ah, pois a estrada... corrigi a tempo e pus-me a calcular o nível de álcool que acusaria se me parassem e fizessem soprar para o balão. Quantos copos teria eu bebido? Chegámos a Telheiras e ela fez a pergunta que só acontece nos filmes:

— Não quer subir?

Ah, porque é que eu sou tão burro? Porque é eu não disse simplesmente que sim e não segui atrás dela e não a beijei apaixonadamente no elevador e por diante...? Porque havia eu de armar-me em especial?

— Depende do tamanho da sua frigideira... — foi a minha resposta.

— O quê? Ah... — riu-se.

Era o que eu queria, pois estava um tanto apreensivo.

— A minha frigideira? — repetiu ela — Ai, tenho uma que é grande, muito grande.

Seria altura de me deixar de parvoíces, mas qual quê:

— OK, mas será suficientemente grande?

— Digamos que não penso cozinhar nada que precise de uma maior... — respondeu e calou-se. E de repente havia desconforto naquele silêncio, na penumbra que nos separava.

Apercebi-me disso e devia ter arriscado, ter-me inclinado para beijá-la, devagarinho, com muito jeitinho... Em vez disso abri a porta do carro e disse:

— Não tem maior? Não faz mal, faremos os impossíveis... subimos?

Foi o que eu disse, e escutei as minhas palavras, desajeitadas, inadequadas, a caírem barulhentas no silêncio, como pedras numa lata. Sílvia permanecia sentada, de porta fechada, a olhar-me com ar estranho. Finalmente disse:

— Pensando bem, não me parece muito apropriado que suba comigo.

Abriu a porta e saiu apressadamente. Eu saí também. Era a despedida e fiz menção de lhe dar um beijo. Ela ofereceu a face.

— Foi uma noite bem passada, não acha? — gaguejei.

— Foi — respondeu ela e eu quedei-me sem jeito, a vê-la entrar em casa.

Foi assim que perdi a melhor oportunidade da minha vida. Fiquei uns segundos a olhar para a porta do prédio, depois entrei no carro, dei um murro no volante e fiquei à espera que se acendesse luz nalguma janela que estivesse às escuras.

Mas não acendeu. Estaria ela estaria também a observar-me, lamentado a oportunidade perdida? Duvido. Pus o carro a funcionar e arranquei.

Chegando a casa, não tinha sono, tinha fome. Fui ao congelador, tirei para fora vários taparueres, todos com doses pequenas, individuais, todos providos de cuidadosas etiquetas elucidando conteúdo e data. Escolhi um. O aroma do cozinhado apagou as chamas do purgatório e apaziguou o meu coração.